

REFLEXÃO SOBRE A EXPERIÊNCIA CORPORAL NA PROSTITUIÇÃO: PELO FIM DA DISCRIMINAÇÃO

PREUSS, Fernanda Carina; ROSA, Débora; LAZZARI, Sara de; NIQUETTI, Ricardo.

Resumo

O objetivo geral deste artigo é mostrar como as prostitutas experienciam e lidam com o seu próprio corpo. Já os objetivos específicos, advindos do objetivo geral, são desconstruir o paradigma que faz do trabalho da prostituta um trabalho fácil, caminhar para o fim da discriminação da profissão, que é um caminho longo a se percorrer, além da criação de um programa que atenda as demandas nessa profissão. Importante destacar que em nenhum momento o objetivo é colocar a prostituição como algo certo ou errado. Independente da opinião subjetiva de cada um, o respeito pela mulher que há por trás dessa profissão precisa fazer-se presente. Por isso, busca-se o fim da discriminação, do preconceito e da violência contra as garotas de programa. Espera-se que após a compreensão do objetivo geral, os objetivos específicos se tornem uma consequência. Ou seja, após o entendimento do corpo da prostituta, almeja-se que as pessoas fiquem cientes de que é um trabalho difícil e que prostitutas precisam de auxílio

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo se propõe a tratar sobre como a prostituta lida com o seu próprio corpo, diferenciando a prostituição pela sobrevivência e a prostituição de luxo. O assunto em questão divide opiniões, que vão desde achar que a prostituição é um trabalho fácil e até agressões a muitas mulheres por estarem nesse mundo. . A literatura específica apresenta uma diversidade na maneira de nomear as mulheres que realizam prostituição, salienta-se, portanto, que ao longo do trabalho serão usados também, os termos “garota de programa” e “profissional do sexo”, que equivalem ao mesmo que

"prostituta". Cabe ressaltar que a prostituição existe em ambos os sexos, mas este artigo refere-se apenas a prostituição feminina.

2 DESENVOLVIMENTO

Antes de partir para o assunto principal deste artigo, que é a experiência do corpo da prostituta, traçaremos uma linha entre a repugnância e o desejo no mundo da prostituição. Para Lacan (1975) a relação sexual não existe, o que existe é o encontro de corpos, mas não a fusão de corpos e almas preconizada pelo romantismo. Na verdade, cada um tem relações com a própria fantasia, ou seja, a idealizada ideia de que o sexo é a fusão de dois sujeitos, não existe. Pensando como ele, entende-se que sem as fantasias não há sexo, e na prostituição supõe-se que o que está em jogo é apenas a fantasia do cliente, a prostituta seria um corpo vazio de conteúdo, um objeto. O desejo apenas se centraria no cliente, tendo repugnância levando em consideração o lado da garota de programa. Já o filósofo Michel Foucault (1986), comparou a prostituição ao uso de drogas ilícitas, pois ambos são fonte de prazer para a mente e o corpo, e possivelmente nunca deixarão de existir, pois ocupam lugar no psiquismo. Os desejos sexuais precisam ser demasiadamente reprimidos para atender às exigências de uma sociedade monogâmica. Como é difícil manter relações sexuais fora de relacionamentos estáveis, as pessoas compram sexo. Enquanto ele for um produto em escassez, seu mercado continuará existindo.

A prostituição se adapta às novas demandas do mercado, a despeito das mudanças de costumes e mesmo da chamada revolução sexual que, argumenta-se, teria reduzido os tabus sexuais. (CECCARELLI, 2008.) O repúdio para com o corpo das prostitutas por parte dos homens, e também o desejo pelo mesmo, percorre uma linha muito tênue, pois os homens de hoje, mesmo vivendo uma situação afetivo-sexual satisfatória com uma parceira fixa, ainda procuram prostitutas. A mesma coisa com os jovens que, poderiam iniciar a vida sexual com colegas ou namoradas, mas preferem e continuam a buscar profissionais do sexo para a iniciação sexual. É difícil dar uma resposta única e definitiva sobre o lugar que a prostituta ocupa no psíquico dos homens. Porém,

justamente por estar à margem da sociedade, ela pode encarnar a possibilidade de uma sexualidade sem tabus, uma liberação sexual. Talvez então, homens não desejem a prostituta, mas sim, a realização das suas fantasias.

Na maioria dos casos, salvo algumas exceções, os homens consideram a prostituta um objeto de realização de desejos que partem dele, não tendo nenhum desejo pela prostituta em si. Conseqüentemente, as prostitutas nunca “serviriam” para ser suas namoradas ou esposas, pois a repugnância que eles sentem perante elas, principalmente quanto ao “corpo sujo” delas, é maior que qualquer afeto. O que se questiona é se essa repugnância parte do próprio homem, ou foi algo criado socialmente que faz com que esse homem tenha vergonha de apresentar uma garota de programa para a sociedade.

Tendo em mente a grande diferença entre prostitutas de luxo que são as que escolhem com quem sair, estipulam o preço que achar conveniente, que geralmente são preços altíssimos, e também não são exploradas por cafetões ou cafetinas e as prostitutas que não estão ali porque querem, mas devido às condições sociais que não lhe deram outra alternativa, vamos ao estudo do corpo do primeiro grupo.

O primeiro ponto a ser destacado é que as prostitutas de luxo possuem uma divisão muito bem definida entre cliente e não cliente, a mesma se dá por meio do que fazer ou não fazer com o corpo. Segundo Vasconcelos e Santos (2012), no corpo está colocado aquilo que a prostituta permite ou não durante as relações sexuais com seus clientes. Dessa forma, na maioria das vezes, as práticas entendidas por elas como práticas afetivas são sinônimos de “quebra do contrato” com os homens. Para conseguir separar o profissional do pessoal, dentro da prostituição, a mulher lida com suas diferentes identidades. Garotas que fazem esse tipo de programa constroem uma maneira particular de se relacionar com o próprio corpo, estabelecendo limites e barreiras simbólicas em relação a cada programa e aos clientes em geral. (GASPAR, 1984.)

No encontro com os clientes, as mulheres negociam práticas sexuais, que seriam praticamente regras, permitidas no exercício da prostituição.

Assim, algumas partes do corpo acabam tornando-se "sagradas" e preservadas para seus afetos nas relações. cliente. Dessa forma, elas racionalizam seu trabalho e estabelecem, tornando-o estritamente profissional, através do corpo, conseguindo experienciar sua sexualidade fora da prostituição. Segundo Pasini (2000) a roupa, a quantidade de maquiagem no rosto, a forma de abordagem do cliente, o tempo, o valor do programa e as ofertas de serviço, são pontos que delimitam o corpo da prostituta. Em seu trabalho, a prostituta não usará a mesma roupa que usará fora dele. Outro ponto é relacionamento com os clientes no momento do programa, não os beijar, não os deixar encostar em seus seios, não fazer sexo anal, não gozar, não dormir com eles, usar preservativo nas relações sexuais e cobrar pelo programa são regras fundamentais para esse tipo de prostituta. Importante ressaltar que essas regras não são seguidas completamente à risca, existem exceções, ou seja, há casos em que a prostituta vai beijar o cliente, mas isso não significa que ela tenha saído da sua linha profissional, isso depende exclusivamente da vontade dela.

Na prostituição de luxo, analisa-se que a dominação da mulher sobre o corpo do homem é levada muito a sério, elas usam o desejo dos homens para comandarem a relação. A maioria delas tem como discurso estar em busca de aventuras, ter novas experiências sexuais, ela se sente poderosa ao decidir o que fazer com o próprio corpo, inclusive vender o seu sexo. Justificam sua prática, geralmente, também como uma forma de conseguir dinheiro, com a diferença que esse dinheiro é usado para satisfazer seus caprichos, para uma ascensão à sociedade do consumo. Por isso, preferem não fazer sexo anal, não gozar, não beijar e não receber sexo oral, pois essas práticas seriam aspectos da dominação do homem. Profissionalmente, elas não devem sentir prazer com seu corpo, porém devem demonstrar que estão sentindo prazer, para causar prazer no cliente.

Muito diferente da prostituição de luxo, onde as mulheres utilizam um discurso de empoderamento e salientam estar nesse meio por opção própria, na prostituição por sobrevivência, encontra-se mulheres em condições desumanas, que em qualquer hipótese escolheram fazer parte desse mundo.

A pobreza geral, a miséria proletária, a promiscuidade das habitações coletivas, a falta de educação profissional e de trabalho honesto, os lares desfeitos e defeituosos, o alcoolismo paterno, a ausência de amparo material e moral à infância desviada, tudo isso, porque é miséria ou consequência da miséria, constitui a verdadeira causa dessa prostituição, a causa fundamental (TIRADENTES, 1978.). Geralmente existe a expectativa por parte das mulheres, de que a permanência na prostituição seja transitória, alimentada pela esperança de conseguir outro tipo de trabalho.

Da mesma forma que as prostitutas de luxo separam a vida sexual pessoal, dos programas da profissão, na prostituição por sobrevivência há uma tentativa nesse contexto. Mas, infelizmente, essas garotas de programa precisam fazer o que o homem pede, para conseguirem mais dinheiro, e, na maioria dos casos, não passar fome. Segundo Ceccarelli (2008) a maioria delas relata sentir nojo de seu próprio corpo, sentem-se sujas o tempo todo, além de tomarem inúmeros banhos durante um dia. A violência sofrida no corpo dessas mulheres é enorme. Há casos onde acontecem estupros e violência física. Geralmente cobram preços menores, fazem pontos em locais públicos e comparada a outra categoria usam roupas e acessórios de baixo custo. São mais acessíveis, menos exigentes com os clientes, e a maioria é casada e com filhos. (VASCONCELOS; SANTOS, 2012.).

Na prostituição de luxo, o lema é a dominação do corpo feminino sob o corpo masculino. Na prostituição por sobrevivência, temos o contrário. O corpo feminino é visto como submisso ao corpo masculino, seus corpos são silenciados. Por vezes, é tido como "saco de pancadas", visando que a maioria já foi estuprada, violentada e ameaçadas com armas. O esgotamento psicológico vivido por essas mulheres a partir das questões que ocorre com seu corpo, é gigantesco. No próximo tópico será tratado sobre a relação da psicologia com tudo isso.

Tendo em vista os grandes problemas enfrentados na prostituição com os julgamentos morais sofridos pela sociedade atual, uma questão pode ser lançada: como as prostitutas conseguem, apesar dos constrangimentos da situação de trabalho, preservar um equilíbrio psíquico e manter-se na

normalidade? Segundo Rodrigues (2012) todas essas questões podem gerar desmotivação, stress, depressão, sem contar os efeitos secundários, como o aumento excessivo do uso de drogas se tornar a única fonte de prazer. Praticamente, as prostitutas de rua sofrem traumas psicológicos semelhantes aos dos soldados que participam de uma guerra

Rodrigues (2012) afirma que cerca de 70% das prostitutas já apresentaram sintomas de tensão pós-traumática (TPT), uma reação psicológica a acontecimentos muito violentos. Os riscos e o medo dentro de seu trabalho, estão sempre presentes. Tendo que realizar o seu trabalho com clientes desconhecidos, não sabendo se o cliente possui alguma doença ou se o mesmo possui uma personalidade violenta. Visto que, alguns clientes veem a prostituição como algo banal, acham-se no direito de agir com violência para com as prostitutas. As marcas da violência física e psicológicas, são muito grandes. O sofrimento também se instala pela visão da sociedade da profissão que essas mulheres exercem, o preconceito e a violência contra essas profissionais são percebidos na forma como a sociedade aborda o assunto e as denomina. O assunto é ignorado porque, mesmo em tempos de liberdade sexual, ainda é tabu (CARNEIRO, 2014.). A discriminação é vivenciada constantemente por essas mulheres, independente do que tenha originado a escolha por essa profissão.

Tendo claro que, os problemas psicológicos enfrentados por essa população são altos, a psicologia tem um importante papel. Tanto na escuta dessas mulheres, quanto ao auxílio na questão de oportunidades a elas. A psicologia é fundamental para entender como as prostitutas constroem sua história, quais são as suas expectativas para o futuro, qual a sua relação com o passado, e o que ela está vivenciando e construindo no presente. É importante que as prostitutas entendam um pouco sobre si mesmas, tendo uma visão mais ampla do seu corpo e sua subjetividade. A função do(a) psicólogo(a) na sociedade é dar voz e vez para o sujeito em sofrimento, afinal, não se pode mais navegar impunemente no mar da indiferença.

3 CONCLUSÃO

Como exposto desde o início deste artigo, objetivo do mesmo, é tornar possível um esclarecimento de como as profissionais do sexo se sentem com seu próprio corpo, dos limites que elas impõem ao corpo, tanto na prostituição de luxo, quanto a prostituição por sobrevivência, para que as pessoas tenham noção do quanto essa profissão é difícil, sendo ela por opção ou por obrigação. Juntamente com isso, desenvolver atitudes que prezem ao respeito e a não discriminação do corpo das prostitutas. Desconstruir o paradigma que faz do trabalho da prostituta um trabalho fácil, caminhar para o fim da discriminação da profissão, e um programa que atenda as demandas nessa profissão.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Anna B. É possível ser prostituta e ser feliz? Belo Horizonte, 2014.

Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952014000100003>. Acesso em: 14 set. 2018.

CECCARELLI, Pedro R. Prostituição: corpo como mercadoria. São Paulo, 2008.

Disponível e: < em: http://ceccarelli.psc.br/pt/?page_id=157>. Acesso em: 16 set. 2018.

FOUCAULT, Michel. Poder: Corpo. In. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

GASPAR, Maria D. Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social. Rio de Janeiro, 3. ed. 1984.

LACAN, Jacques. Conferencias y charlas en universidades norteamericanas.

Buenos Aires, 1975. Disponível em:

<http://pt.scribd.com/doc/163246194/Jacques-Lacan-Conferencias-en-Universidades-Norteamericanas>. Acesso em: 16 set. 2018.

PASINI, Elisiane. Limites simbólicos corporais na prostituição feminina. São Paulo, 2000. Disponível:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635351>>. Acesso em: 14 set. 2018.

RODRIGUES, Lucas. Prostituição: um estudo sobre as dimensões de sofrimento psíquico entre as profissionais e seu trabalho. São Paulo, 2012. Disponível em:

<http://uninomade.net/wp->

content/files_mf/112508140153Prostitui%C3%A7%C3%A3o%20sofrimento%20ps%C3%ADquico%20entre%20as%20profissionais%20e%20seu%20trabalho%20%20Luciano%20Rodrigues%20Filho.pdf>. Acesso em: 19 set. 2018.

TIRADENTES, Oscar. Fatores determinantes da delinquência feminina. Editora Rio. Rio de Janeiro, 1978.

VASCONCELOS, José. SANTOS, Verônica. O corpo da prostituta: Entre o discurso, a vida cotidiana e a educação. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/24899/3/2012_eve_jgvasconcelosvgdossantos.pdf>. Acesso em: 16 set. 2018.

Sobre o(s) autor(es)

1 Acadêmica da graduação em Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina Campus de São Miguel do Oeste; Fone: (49) 985016119; E-mail: fernandapreuss45@hotmail.com

2 Acadêmica da graduação em Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina Campus de São Miguel do Oeste; Fone: (49) 91913636; Email: debora.rosa123@hotmail.com

3 Acadêmica da graduação em Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina Campus de São Miguel do Oeste; Fone: (49) 91361424; Email: saradelazza@hotmail.com

4 Professor da Universidade do Oeste de Santa Catarina Campus São Miguel do Oeste; Email: ricardoniquetti@hotmail.com